

"Territórios de Contaminação" é o título escolhido por Carlos No e Sérgio Costa para esta exposição conjunta. Todo o título é sempre a promessa de um percurso ainda não percorrido, é o consentimento implícito de uma determinada jurisdição, é um acto unilateral em que se assume a tarefa de honrar o compromisso anunciado no e pelo título. Tem essa promessa, neste caso, uma outra condição. Na presença de duas individualidades deve existir um acordo básico de coexistência pacífica que oriente as diferenças pessoais nos objectivos traçados no título-promessa. Mais ainda, deve incitar-se uma lógica de cooperação que procure potenciar as metodologias de ocupação e de apropriação do espaço galerístico. Deste modo, a preferência pelo incerto, que um território contaminado instaura, determina ou indica paralelamente o espaço insurreccional em que se movimentam as investigações plásticas destes artistas.

As pinturas, de um e de outro, têm como substrato base o recurso a meios tecnológicos que actuam como mecanismos de mediação e captura de imagens, recriando e subvertendo, aquela prática romântica de toma de notas, de estudos e de esboços realizada historicamente pelos artistas.

Carlos No dá seguimento à sua lógica seriada assumindo, desta vez, uma aproximação mais evidente ao universo da pintura. É sobretudo pela acção e o rasto deixado pela mão que se indica, não só, a aproximação ao universo do pictórico, mas também, se introduzem sinais significantes relativamente ao tema visado. É graças à qualidade da grafia do "aviso" que o artista personifica todo um sistema de produção e a proibidade do hipotético "empresário-empregador". É um duplo gesto indicativo que, por um lado, fecha ou define o âmbito e alcance político da provocação e, por outro, abre o território da responsabilidade e do compromisso.

Sérgio Costa continua a sua peregrinação e pesquisa por sítios de fronteira, em que o urbano e o rural se contaminam. Embora a paisagem seja a primeira referência óbvia, é o modo como a imagem pictórica se constitui que importa ressaltar. Uma vez que é a técnica, isto é, o modo como a tinta se exprime na superfície do suporte que condiciona a lógica da imagem. É uma imagem de superfície despojada de qualquer ambição por representar uma questão essencial ou fundamental satisfazendo-se, primeiramente, na sua configuração. É como uma imagem momentaneamente detida num ecrã videográfico. É a duração do olhar congelada num efeito de superfície.

Confrontando as pinturas, ambos os artistas, apresentam obras tridimensionais. Contrapondo, deste modo, à ficcionalidade tipicamente pictórica a realidade palpável dos objectos e das coisas. Sérgio Costa implanta no espaço da galeria uma estrutura, dir-se-á, de resistência de uma marginal ruralidade que teima em fazer-se presente na paisagem mestiça, híbrida e contaminada das margens das grandes concentrações urbanas. Carlos No reúne objectos elaborados no monótono, mas eficaz (dirão alguns), sistema de produção em série. Implacável sistema que procura apagar todo e qualquer sinal de identidade. É o pretendido anonimato como condição de eficiência que o artista põe a nu.

"Territórios de Contaminação" é um título, melhor dizendo, é uma exposição que nos remete e anuncia, sem sombra de dúvida, para uma promessa subversiva encoberta.

Augusto Carvacho
oabaz@hotmail.com